

MEDO DO CONFISCO

Ricardo Leopoldo,
Teresa Albuquerque
e Valquíria Rey
Da equipe do Correio

São Paulo — Desde o início do governo Collor, em 1990, boa parte da população de São Paulo não vivia um dia tão nervoso quanto ontem. O assunto do dia nos elevadores, bares, pontos de ônibus e bancas de jornal foi um eventual confisco da poupança dos cidadãos a partir de segunda-feira. Muitas pessoas ouviram os rumores no início da tarde. Mas como a onda de boatos era muito forte, mesmo os mais céticos resolveram se precaver e retiraram dinheiro da poupança, conta-corrente, certificados de depósitos bancários e de fundos de investimento.

Foi o caso do radialista Laerte Vieira, 28 anos, que não quis arriscar e sacou todo o dinheiro que tinha em sua conta corrente. Ele ficou sabendo do boato do confisco no início da tarde, mas pensou que era brincadeira. “Os comentários cresceram. Bateu o pânico e resolvi guardar meu dinheiro em casa”, explicou. Apavorado, Laerte foi ao banco durante seu horário de trabalho e sacou os R\$ 650,00 do aluguel que deverá pagar no próximo dia 5.

Eduardo Coelho, 25 anos, técnico de uma empresa que trabalha com cartões de crédito, a Redecard, também começou a ouvir os boatos por volta das 14 horas.

“Sabia que era só especulação. Contudo, vi muita gente transferindo dinheiro da poupança para a conta corrente”, comentou o técnico, que tinha R\$ 1 mil na caderneta. “Na dú-

vida, transferi R\$ 400 para a conta.”

Maria Alves da Costa, 42, empregada doméstica, tinha R\$ 300 na poupança, tudo que conseguiu economizar nos últimos seis meses. Quando ouviu da patroa que segunda-feira seria feriado bancário, e que só teria direito a sacar R\$ 100, não teve dúvidas. Foi até o banco, retirou tudo, improvisou uma trouxinha e escondeu o dinheiro debaixo da roupa. “Tá vendo isso aqui, gordinho?”, apontava para a barriga. “É tudo o que tenho. Vou pegar um ônibus cheio, é arriscado, mas não quero nem saber. Meu dinheiro vai comigo.”

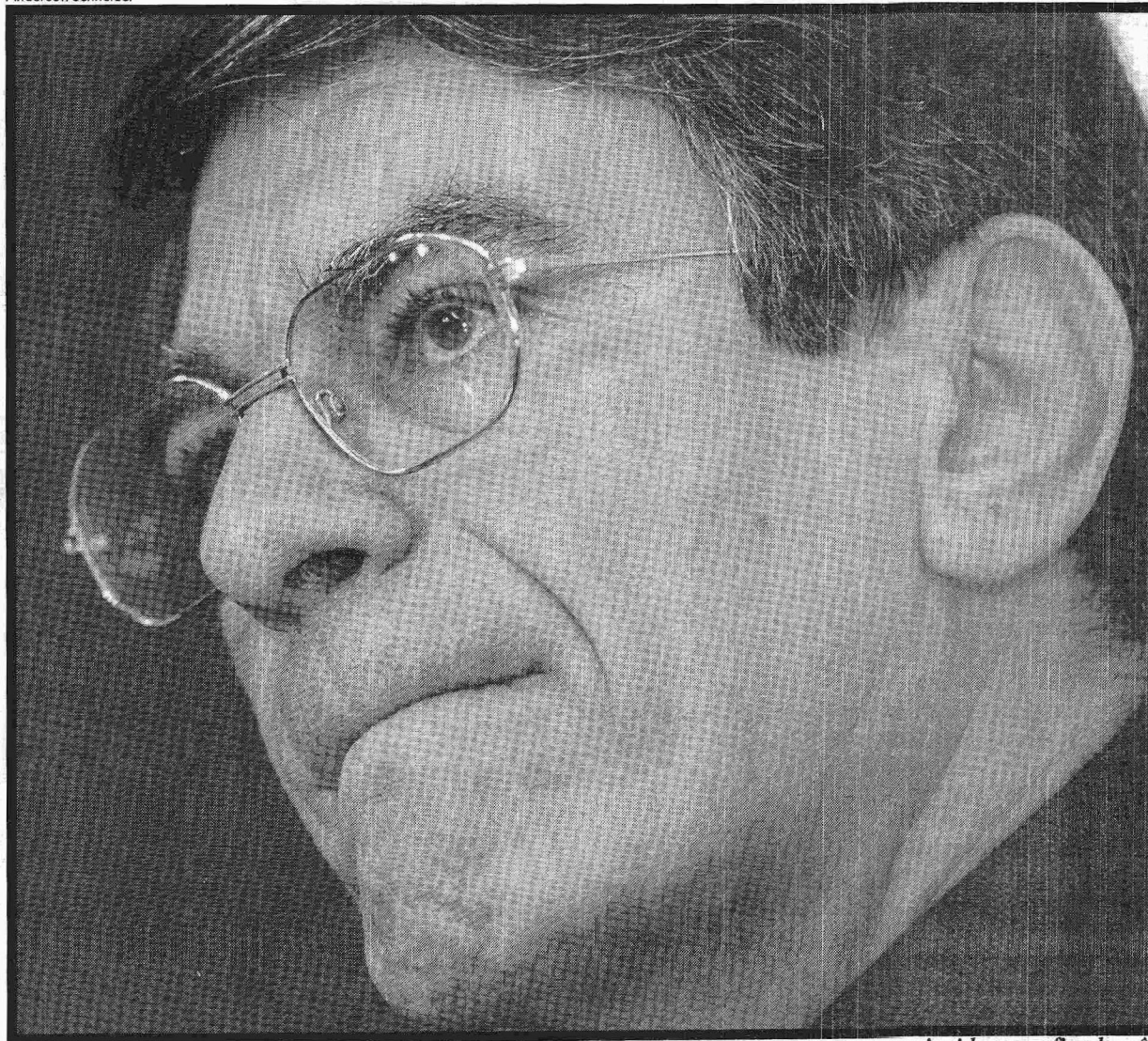
Nas mesas de operações de bancos, o rumor mais forte tratava de um aumento brutal do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) sobre os fundos de investimento. Com o tributo, o governo pretendia resolver dois problemas: um deles era enxugar a liquidez dos portadores de fundos que estariam fazendo saques de suas aplicações para comprar dólares. Essa seria uma das razões que estaria levantando diariamente a cotação do câmbio no mercado comercial.

APLICAÇÕES

Pelo que *mostravam* os rumores, as taxas do IOF seriam fantásticas, variando de 10% a 40%. O governo não proibiria a saída do cotista do fundo, mas usaria a taxa elevadíssima para desencorajar o saque de uma das principais fontes de rolagem da dívida pública federal, de R\$ 319,9 bilhões.

Em várias agências, como uma do Banco do Brasil no centro da cidade, muitos participantes de fundos

Anderson Schneider



Dantas, diretor de Varejo do Banco do Brasil: o movimento foi normal para uma sexta que coincide com o fim de mês

se desfizeram de suas aplicações. “As ordens dos clientes eram objetivas. Eles diziam por telefone: bota tudo na conta corrente, não importa se o aniversário do investimento está próximo”, contou um funcioná-

rio da agência do BB. Os valores oscilavam entre R\$ 100 mil e R\$ 1 milhão. “No final do dia, quando comecei a acreditar no medo dos outros, coloquei na conta as aplicações em fundos feitas há um ano

por mim e pela minha irmã”.

Num dos maiores bancos privados do país, um dos gerentes da agência próxima à Avenida Paulista, disse que o movimento dos clientes foi “frenético”. Ele não almoçou e

passou boa parte do tempo atendendo investidores, ansiosos por informações que pudessem tranquilizá-los. “Muita gente estava escalada contra o confisco do Collor. Então utilizaram várias táticas para evitar quaisquer surpresas”, narrou. “Alguns sacaram o dinheiro que estava nos fundos. Várias pessoas encerravam esse tipo de aplicação para distribuir várias partes dos recursos nas contas correntes e cadernetas de poupança dos filhos e do cônjuge”.

Para o diretor de Varejo do Banco do Brasil, e vice-presidente da Febraban, Hugo Dantas Pereira, o movimento foi normal para uma sexta-feira que coincide com o fim de mês. “O movimento de hoje foi muito parecido com o de 30 de dezembro”. Segundo Hugo Dantas, apenas cem agências do BB em todo o país pediram dinheiro extra para fazer frente às solicitações de saque. “Foi um dia terrível por causa dos boatos”, afirmou o presidente da Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban), Roberto Egydio Setúbal. Segundo ele, a ida dos clientes aos bancos para sacar dinheiro ocorreu em pontos localizados principalmente nas capitais como São Paulo e Rio de Janeiro.

“O comportamento da equipe econômica tem sido absolutamente confiável nos últimos cinco anos, sempre marcada pela transparência”, comentou Setúbal. “Infelizmente a história do Brasil registra muitas surpresas, pacotes e barbaridades como tablitais, congelamentos e confiscos, e os boatos acabam surgindo mais em função do que foi feito no passado do que da realidade presente.